

UMA ANÁLISE DE COMPETITIVIDADE DO COMPLEXO DA LARANJA BRASILEIRA NO PERÍODO DE: 1996 a 2005.

Sandra Bonjour*
sandra@permanente.com.br
Cícero Penha*
penhaufmt@yahoo.com.br
Adriano Figueiredo*
adriano@ufmt.br
Patrick Guimarães*
probabilidade@gmail.com

*Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO: O trabalho discute os principais entraves à exportação do complexo da laranja brasileira e sua participação no mercado internacional. Os procedimentos metodológicos utilizados foram o IVRC que mostra a representatividade do complexo da laranja brasileira no contexto das exportações totais do país e o IOR que mensura o grau de concentração das exportações para Estados Unidos; União Européia e a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico. Observou-se o aumento das exportações brasileiras, porém nada que refletisse um índice de vantagem comparativa revelada expressivo. A competitividade da laranja brasileira vem apresentando baixa participação no total exportado e está concentrada no mercado europeu.

Palavras-chave: Laranja; Competitividade; Concentração.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil na década de 80 se tornou o maior produtor mundial de laranja. ¹Com mais de 1 milhão de hectares de plantas cítricas em seu território, a maior parte da produção brasileira de laranjas destina-se a indústria de suco concentrado em São Paulo, responsável por 70% das laranjas e 98% do suco que o Brasil produz. Nessa perspectiva é importante que o Brasil priorize a produção de Citrus com alto valor agregado, promovendo a melhoria das exportações do país, sendo necessário uma atuação conjunta de dispositivos como: pesquisa, alocação de insumos, produção, transporte eficiente e comercialização.

De uma forma geral, o Brasil é um grande produtor de frutas e pode exportar algumas delas o ano todo. No entanto, segundo Neves e Lopes (2005), a participação do país é de apenas 2,4% do total exportado de frutas de acordo com dados de 2003 da Organização das Nações Unidas para a agricultura e Alimentação (FAO, 2005).

¹ Disponível em: <http://www.todafruta.com.br>
Curiosidades da laranja: A história da laranja

As exportações são uma das principais alternativas para aumentar a rentabilidade da fruticultura no Brasil, possibilitando: o escoamento do aumento da oferta, esperado para os próximos anos e viabilizando a remuneração dos elevados investimentos do setor.

Com a análise do mercado internacional de frutas, verifica-se a concentração na produção das espécies consumidas pelos países importadores. Isto ocorre principalmente porque a tecnologia de produção e conservação, já encontram-se instaladas nesses países.

Passando à análise da ²qualidade da fruta brasileira, para o mercado internacional, um dos problemas, é a falta de uma tecnologia adequada para a produção de frutas tropicais, pois estas, apresentam alta perecibilidade em comparação com frutas produzidas em países de clima mais ameno.

Outra questão é a disparada nos preços internacionais do suco de laranja, em virtude da quebra de produção ocorrida na Flórida (EUA), promovendo dessa forma o aumento do faturamento do setor. Aumento que também foi fortalecido pelos baixos estoques do suco nos EUA, principal concorrente brasileiro. Diante dessa perspectiva o estudo analisará qual a situação do mercado brasileiro, em relação ao complexo laranja, frente à atual conjuntura. O objetivo geral do trabalho é compreender a competitividade do complexo da laranja brasileira no mercado internacional. Nesse sentido se faz necessário saber que o complexo da laranja brasileira, é formado por: laranja fresca, mínio zarcão, suco de laranja não congelado, suco de laranja não fermentado, suco de laranja congelado e não fermentado, outros óleos de laranja e óleo petit grain laranja. Especificamente pretende-se analisar a Vantagem Comparativa Revelada para o complexo da laranja brasileira (VCR), verificar a participação do complexo da laranja brasileira no mercado mundial e identificar os principais blocos de comercialização do complexo da laranja brasileira.

2. IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA LARANJA

Com a especialização da produção ocorrida no campo, em busca do ganho de escala, reflexo da mesma especialização ocorrida na indústria, provocou uma redução por parte do produtor, da visão do funcionamento de todo o contexto do sistema, situação que era muito bem administrada pela agricultura tradicional, uma vez que

² Qualidade: A laranja tem qualidade, visto que há aceitação produção do suco brasileiro no mercado internacional, mas ainda tem problemas com a perecibilidade do produto in natura.

conhecer todos os processos desde a produção até a comercialização era um dos fatores determinantes do sucesso produtivo. O que falta na moderna citricultura é exatamente, essa visão mais abrangente, que poderia potencializar muito melhor os ganhos de produtividade, ao lado do uso dos recursos tecnológicos existentes.

Segundo Neves (1995), o processo produtivo da citricultura, assim como de outros bens, é composto basicamente por três estágios: antes da porteira (insumos necessários à produção); dentro da porteira (produção propriamente dita); pós-porteira (transporte e comercialização).

Porém na moderna citricultura, o setor de processamento é responsável por um volume de transações bem superior ao observado na produção. Isso ocorre em virtude da tendência dominante de se priorizar os ganhos de escala, pois, o setor processador dispõe de tecnologias que o setor produtivo não tem acesso, ficando em desvantagem em relação ao primeiro. Por mais esse motivo é necessário que o produtor esteja inteirado de todo o processo produtivo, com vistas a desenvolver-se de maneira conjunta com o sistema. Ou seja, uma postura empresarial por parte do produtor, pois aqueles que não se adequarem a essa nova postura estarão em desvantagem competitiva no mercado.

Nessa problemática temos a oportunidade de passar de meros produtores das chamadas commodities, para exportadores de produtos acabados, melhor dizendo, com valor agregado. Nesse contexto a citricultura brasileira é importante: no aspecto de geração de divisas; na utilização de mão-de-obra para o seu cultivo; e pelo grande número de pequenos produtores que implementam a produção nacional. Com isso percebe-se que a cadeia produtiva da laranja, em conjunto com outras atividades, são responsáveis pela melhoria das estatísticas do país.

Diante disso, é necessário que se faça priorizar dispositivos como: alocação de insumos; produção; transporte; comercialização e combate ao protecionismo dos países estrangeiros.

Em relação à análise sistêmica, nota-se que a questão tecnológica não é a única necessária ao sucesso produtivo. Tem-se a questão da grande diversidade das relações contratuais, em face das especificidades que a cadeia produtiva da laranja possui. Complexidade que interfere no resultado final do processo produtivo. Os ativos mais importantes que estão submetidos a essas relações contratuais são: setor de pesquisa; setor de insumos; setor de produção; setor de processamento; setor de transporte; setor de consumo intermediário; setor de distribuição; setor de consumo final.

Um instrumento que é largamente utilizado em se tratando de produtos que apresentam uma certa especificidade, é o conceito de governança corporativa, que tem como um dos seus principais dispositivos a utilização do contrato padrão. Em se tratando da citricultura, apesar das suas especificidades, ele não obteve sucesso, pois não se tem um referencial confiável e aceito por todos, corroborado pelo fato da mercadoria raramente atingir o valor de repasse das indústrias para o setor produtivo, acarretando diversas brigas judiciais.

Passando a análise da produtividade dentro de uma visão sistêmica devem atuar conjuntamente a iniciativa privada e pública, pois, a produtividade por hectare da produção citrícolas brasileira é muito baixa, em relação à norte-americana. Situação essa causada pelo crescimento desenfreado e desordenado dos laranjais com a utilização de técnicas inadequadas de cultivo.

Outras questões limitantes da produtividade são: problemas com a gestão de recursos humanos e com a capacidade ociosa presente no setor citrícola. Evidenciando a necessidade de tornar-se um sistema mais institucionalizado, pela questão da redução da margem de lucro observada no setor.

Nessa mesma perspectiva, tem-se ainda fatores que inibem a atratividade do negócio como: grande número de pragas e doenças, que limitam a competitividade e produtividade do setor; baixa receita líquida, correspondendo a apenas 2,5% da receita bruta, em se tratando do Estado de São Paulo, como exemplo ilustrativo do panorama³.

2.2 A laranja no mercado nacional e internacional

Na perspectiva de análise do mercado internacional, torna-se necessário iniciativas na busca de novos mercados, como o japonês e os demais países asiáticos, como forma de diversificação das suas opções de comércio. O fato do suco de laranja, assim como a laranja, ser considerado um produto de luxo, o mercado a que ele destinar-se, deve possuir alguns requisitos, como: distribuição de renda; consumo de produtos saudáveis; presença de população jovem.

Nesse contexto, foi a partir da década de 60 para cá, que o mercado da laranja tomou o impulso necessário para o seu desenvolvimento, isso ocorreu exatamente em razão da instalação das primeiras indústrias, reforçada pela crescente modernização da

³ Disponível em : <http://www.todafruta.com.br>
O Mercado da laranja
Custo Operacional e Receita Líquida de laranja para Indústria na Região Norte do Estado de São Paulo, safra agrícola 2003/04.

agroindústria brasileira. Isso deu-se mas efetivamente na região de São Paulo; promovendo uma grande mudança na estrutura de comercialização, pois a indústria podia adquirir a matéria prima necessária antecipadamente.

Na perspectiva da expansão da indústria, analisa-se que na década de 60, São Paulo, já havia alcançado a posição de grande produtor de laranja. Interessante ressaltar que essa expansão da produção da laranja ocorreu de maneira simultânea à expansão do café, tornando-se posteriormente produto principal. O que ocorre é que em um período anterior houve a transferência efetiva das indústrias para o nosso país. Contemporaneamente o que observa-se é exatamente o contrário, uma expansão das empresas citrícolas brasileiras para o mercado norte-americano.

Existem duas fases que são essenciais no desenvolvimento do mercado da laranja brasileira, segundo Neves (1995), a primeira remonta a 1930/1939, período esse que encerrou-se com o advento da primeira guerra mundial. O segundo período relaciona-se à década de 70 apresentando uma produção expressiva de aproximadamente 275 milhões de caixas. Esses problemas ocorridos na Flórida promoveram o crescimento da oferta, desencadeando o surgimento de novas unidades industriais no território brasileiro. Situação essa que pode voltar a se repetir, pois temos um novo momento de quebra da produção da Flórida, situação que pode se reverter-se em expansão das exportações da laranja brasileira. Fazendo-se necessário a manutenção das exportações em patamares elevados.

Esse processo foi fundamental para que a citricultura brasileira alcançasse a posição em que encontra-se, produzindo 30 % do total da laranja produzida no mundo, e sendo a responsável pela produção de 50% do suco concentrado mundial. Apesar de o EUA ser responsável pelo consumo de grande parte do suco de laranja produzido, em razão de seu grande mercado consumidor, o Brasil domina as exportações com 80% do total exportado (NEVES et al., 2005).

Na tentativa de atender o provável crescimento da demanda, as empresas gigantes do setor estão movimentando-se rumo ao nordeste do Brasil, aproveitando-se das indústrias processadoras da matéria prima existente nessa região.

Apesar de haver concorrência no mercado de laranja entre Flórida e São Paulo, isso não inviabiliza a parceria no campo da pesquisa, e é exatamente o que vem ocorrendo. Essa parceria deve-se ao fato de ambos serem responsáveis por aproximadamente 40% da produção mundial. A tecnologia que aproximou os dois grandes pólos produtores é baseada no geoprocessamento, apesar das particularidade de

ambos, existe uma tendência para a convergência, rumo a uma tecnologia mais acabada, e que possa melhor atender aos interesses dos dois estados produtores⁴.

É interessante frisar que apesar da parceria no campo da pesquisa, observa-se uma disputa acirrada no campo tarifário, situação que é evidenciada pela manutenção de pesadíssimas tarifas sobre a laranja brasileira, o argumento defendido pela comissão Internacional dos Estados unidos baseia-se no suposto fato de que as exportações do suco do Brasil, para EUA, configura-se em uma ameaça real aos produtores locais.

Porém é fato que apesar dos empecilhos colocados à exportação do suco de laranja brasileiro, o mercado norte-americano é extremamente dependente da produção brasileira, isso é claramente evidenciado pelo expressivo número de empresas brasileiras em território norte-americano, que dedicam-se à produção e industrialização do suco. Segundo o empresariado brasileiro em terras norte-americana, a importação da laranja brasileira é necessária, principalmente para a manutenção do padrão de qualidade do suco.

No que diz respeito ao sistema oficial de controle de qualidade, surgiu a PIF (Produção Integrada de Frutas), esta por sua vez, foi o único sistema oficial que recebeu reconhecimento da União Européia. Já é de conhecimento de grande parte dos produtores, que o mercado pouco a pouco vem adaptando suas exigências ao conceito de desenvolvimento sustentável e aos de rastreabilidade, inicialmente esta prática está restrita a apenas algumas frutas do parque produtivo brasileiro, porém será apenas uma questão de tempo a adequação da cadeia produtiva da laranja, à exigência de tal certificado. Tudo isso indica que o mercado consumidor vem se tornando cada vez mais exigente, no que tange a produção sustentável, com padrões de rastreabilidade das frutas.

É fato notório que a produção de laranja é destinada quase que totalmente ao mercado externo, a proporção que é direcionada ao mercado interno é puramente residual. Isso não quer dizer que não tivemos grandes momentos do consumo da laranja no mercado interno.

Para isso é necessário a implementação de canais especializados de comercialização da fruta no mercado interno, prática muito comum na comercialização da laranja para o mercado externo, associado a isso, ainda falta uma postura mais

⁴ Disponível em: <http://www.todafruta.com.br>
O mercado da laranja
Unidos pela laranja

organizada e disposta em investir em marketing, por parte dos agentes envolvidos na cadeia citrícola.

Em se tratando da demanda, vários são os indícios apresentados para o seu possível crescimento, dentro desse contexto merece atenção, a preocupação com a saúde. Grande parte do mercado consumidor já é adepto dessa mentalidade, constituindo-se em um importante nicho de mercado, que não deve ser menosprezado. Característica observada nos países de primeiro mundo; mas que já dá nítidos sinais da sua presença em algumas camadas da sociedade brasileira.

3. METODOLOGIA

Para analisar a competitividade do complexo laranja brasileiro, optou-se pela utilização de indicadores que possibilitassem aferir a existência ou não de vantagem comparativa revelada, na atual conjuntura. Dentro desse raciocínio, a competitividade apresenta relação direta com: questões tecnológicas; produtividade; entrega. Questões essas que são delimitadoras do desempenho das exportações de um país.

Os dados para calcular os índices são secundários foram coletados junto: ao Sistema de Análise de Comércio Exterior (ALICE), Secretária de Comércio Exterior (SECEX), e *Food Agriculture Organization* (FAO). Para a verificação da existência da competitividade do complexo da laranja brasileira, utilizou-se os índices de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) e de Orientação Regional (IOR). A utilização desses índices serve para verificar se o Brasil, no período em análise, ganhou, perdeu ou manteve sua posição no comércio mundial de laranja e derivados.

3.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada tem por base a lei das Vantagens Comparativas, formulada por Ricardo. O VCR fornece um indicador da estrutura das exportações de uma região ou país, e é representada pela equação:

$$VCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj} / X_w) \quad (1)$$

X_{ij} = Valor das exportações brasileiras de laranja;

X_i = Valor total das exportações brasileiras;

X_{wj} = Valor total das exportações mundiais de laranja;

X_w = Valor total das exportações mundiais;

i = Exportações brasileiras;

w = Exportações mundiais;

j = Laranja.

$VCR_j > 1 \rightarrow$ O país possui vantagem comparativa revelada para as exportações de laranja;

$VCR_j < 1 \rightarrow$ O país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações de laranja.

3.2 Índice de Orientação Regional

O IOR é dado pela equação abaixo:

$$IOR = (X_{rj} / X_{tr}) / (X_{oj} / X_{to}) \quad (2)$$

X_{rj} = Valor das exportações brasileiras de laranja intrabloco;

X_{tr} = Valor total das exportações brasileiras intrabloco;

X_{oj} = Valor das exportações brasileiras de laranja extrabloco;

X_{to} = Valor total das exportações brasileiras extrabloco;

r = Exportações brasileiras intrabloco;

o = Exportações brasileiras extrabloco;

j = Laranja.

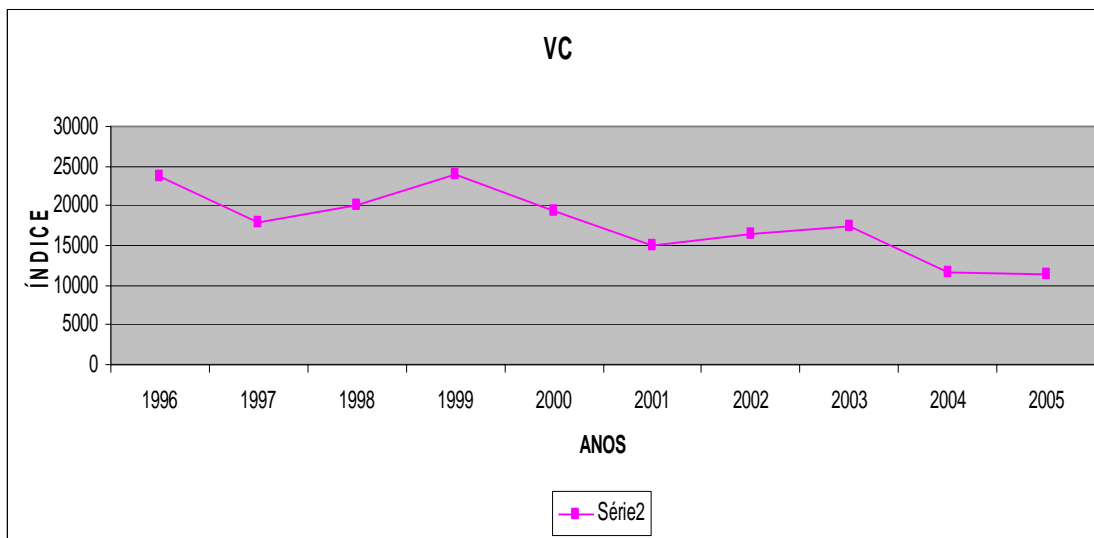
Esse índice serve de parâmetro para se avaliar a tendência da exportação de um dado produto, para um determinado bloco. A unidade indica tendência de exportação do produto para países membros e não membros, enquanto valores crescentes apontam exportação com tendência para dentro do bloco.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar a competitividade da laranja foram calculados os índices de Vantagem Comparativa Revelada e Índice de Orientação Regional.

4.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada

Gráfico – 01 : Índice de Vantagem Comparativa Revelada para o complexo da laranja brasileira no período de 1996 a 2005.



Fonte: Dados da pesquisa

Com a análise do índice de vantagem comparativa revelada para o complexo da laranja brasileira, calculado para um intervalo de 10 anos, proporcionou uma visão mais clara a respeito da evolução da participação da exportação do complexo laranja brasileira, em relação ao total exportado pelo Brasil nesse período. Dessa forma teremos condições de analisar esses indicadores fazendo paralelos com acontecimentos que beneficiaram o desenvolvimento do setor, e com acontecimentos que colocaram-se como limitantes ao desenvolvimento do mesmo.

Este índice, conforme gráfico 01, apresenta-nos um quadro, em que inicialmente o complexo da laranja brasileira encontra-se em patamares elevados considerando os anos de 1996 a 1999. Já a partir de 1999 podemos observar que esse índice passou a apresentar significativas quedas, apresentando uma certa estabilidade nos anos de 2001 e 2002, com uma leve ascensão no ano de 2003, situação que não perdurou, retornando ao período de quedas nos anos sucessivos, atingindo seu valor mais baixo no ano de 2005.

Porém em paralelo ao panorama que é observado no gráfico 01, tem-se que o Brasil é responsável por 30% da produção mundial de laranja, ocupando a posição de maior produtor mundial da mesma, internamente representando 49% de toda a produção de frutas do país, com volume de produção crescente da laranja.

Nessa perspectiva, observa-se que a participação do complexo laranja no total das exportações brasileiras não foi expressiva. Assim, outros produtos como a carne bovina e a soja tiveram maior expressividade nas exportações brasileiras.

Nessa conjuntura observa-se que apesar do volume de exportações ter crescido muito em anos recentes, e pelo cenário favorável que vai configurando-se em razão da quebra de produção da Flórida, por conta dos furacões que assolaram a região, nota-se que a participação desse complexo no total das exportações brasileiras é ainda muito limitada comparado ao total das exportações brasileiras. Esse panorama é corroborado pelo fato de as exportações de laranja e tangerina, juntas representarem apenas de 6% (em valor) do total das exportações brasileiras de fruta fresca em 2002 (NEVES, 2004a). Nesse mesmo contexto o suco de laranja concentrado congelado e seus subprodutos, perfizeram 4,47 % das exportações do agronegócio e 1,87 % das exportações totais.

4.2 Índice de Orientação Regional

4.2.1 País– Estados Unidos

Tabela – 01: Índice de Orientação Regional para o complexo da laranja brasileira no período de 1996 a 2005. País: Estados Unidos. $IOR\ EUA = (Xrj/Xtr)/(Xoj/Xto)$

1996	0,030531344
1997	0,043459864
1998	0,021062144
1999	0,027081831
2000	0,033012241
2001	0,042818407
2002	0,074510655
2003	0,125211463
2004	0,013196538
2005	0,183575895

Fonte : Dados da pesquisa

O IOR (Índice de Orientação Regional) do complexo da laranja brasileira, dos Estados Unidos, apresenta índices que encontram-se abaixo de 1, no contexto de toda a série. Conforme Tabela 01, apesar dos Estados Unidos ser um dos grandes consumidores

do suco de laranja brasileiro, no contexto das exportações totais brasileiras, o índice de concentração das exportações para esse bloco é baixo.

Essa questão pode ser reflexo do fato do mesmo ser um dos principais concorrentes da produção e exportação mundial da laranja, mais especificamente do suco da laranja, responsável pela maior porção do total exportado no contexto de todo o complexo da laranja brasileira; e também pela atual expansão das empresas citrícolas para o mercado norte-americano.

Nessa mesma perspectiva, afirma-se que parte dessa baixa concentração é devido ao fato de os Estados Unidos taxar pesadamente o produto brasileiro, tanto no que diz respeito a barreiras tarifárias como a barreiras não tarifárias, configurando-se como grandes obstáculos à exportação para esse bloco.⁵ Um exemplo disso foi o imposto de importação, criado em 1930, que já foi mais alto até os anos 50, mas ainda é muito alto, e só consegue ser superado graças a impressionante capacidade brasileira de ajustes a essa exigência. Não configurando-se como um imposto comum nos mercados livres, mas acima de tudo como uma taxa de US\$ 492,00/t que o importador paga para poder empacotar o suco como brasileiro ou mesmo misturá-lo à produção local. Caso o produto entre pela Flórida (cerca de 80% das importações americanas), ainda ocorre a incidência de uma taxa estadual equivalente a US\$ 0,175 por caixa de laranja.

4.2.2 Bloco econômico – União Européia

Tabela 02: Índice de Orientação Regional para o complexo da laranja brasileira no período de 1996 a 2005. Bloco Econômico: União Européia.IOR

⁵ Disponível em: <http://www.todafruta.com.br>.

$$UE=(Xrj/Xtr)/(Xoj/Xto)$$

1996	2,389086737
1997	2,355326838
1998	2,452624058
1999	2,403097896
2000	2,343162669
2001	2,524714576
2002	2,417050905
2003	2,33482371
2004	2,498930215
2005	2,595664654

Fonte: Dados da pesquisa

Em se tratando da análise IOR (Índice de Orientação Regional), do complexo da laranja brasileira, para a União Européia, verificando os dados da Tabela 02, nota-se que este apresenta um índice acima de 2, isso remete-nos ao raciocínio de que, as exportações do complexo, serem extremamente concentradas nesse bloco econômico. Situação essa que é reforçada com a análise de dados da SECEX, que entre 1999 e 2005, apresentou crescimento das exportações para a União Européia em detrimento, principalmente, do Mercosul. Isso é reflexo da questão da remuneração, pois, o mercado europeu apesar de mais exigente, remunera melhor que o sul-americano.

4.2.3 Bloco Econômico – APEC (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico)

Tabela – 03: Índice de Orientação Regional para o complexo da laranja brasileira no período de 1996 a 2005. Bloco Econômico:APEC IOR

$APEC=(X_{rj}/X_{tr})/(X_{oj}/X_{to})$

1996	0,764252410
1997	0,801797077
1998	0,705118312
1999	0,647139237
2000	0,712697162
2001	0,593336636
2002	0,527513624
2003	0,542560303
2004	0,516181873
2005	0,650492985

Fonte: Dados da pesquisa

É interessante observar que o IOR (Índice de Orientação Regional) do complexo da laranja brasileira para a APEC (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico), que abrange economias asiáticas, americanas e da Oceania, apresenta no contexto dos 10 anos, do período em análise, valor abaixo de 1, o que denota uma baixa concentração das exportações brasileiras dos produtos do complexo laranja para esse bloco econômico. É importante ressaltar que esses números refletem o comportamento passado, desconsiderando o cenário otimista para o setor, em se tratando do crescimento da exportação desse complexo para o bloco em análise. Porém, especialistas enfatizam a necessidade de uma política de exportação, pelo fato de tratar-se de um grande mercado, que apresenta uma série de particularidades, principalmente no que diz respeito a sua cultura e aos gostos da população.

Para confirmar essas expectativas em relação aos índices calculados, faz-se referência a estudos da análise por blocos de países para as safras futuras, realizada pela Associação Brasileira dos Exportadores de Citros (Abecitrus), na qual apresenta sistematicamente que o destino do suco brasileiro será: União Européia; NAFTA; Ásia; Mercosul; países do oriente: China, Japão, países da Oceania e leste Europeu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cadeia produtiva de frutas, ocorreu aumento das exportações, embora este aumento não tenha acompanhado o índice das exportações totais brasileiras. Situação essa que se observa também no total das exportações do complexo da laranja brasileira,

pois o VCR (Vantagem Comparativa Revelada), calculado para o mesmo, não foi expressivo. Partindo desse raciocínio é importante melhorar o desempenho desse índice, pois a venda externa representa uma das principais alternativas para aumentar a rentabilidade do setor.

Com a análise do ano de 2005, ocorreu mais um problema que associado aos colocados anteriormente, caracterizou-se como risco à citricultura, foi a questão da valorização do real, dificultando a fixação do preço das frutas para o mercado externo. Nesse mesmo contexto observa-se outros problemas como: barreiras alfandegárias, fitossanitárias, custo Brasil naquilo que diz respeito à logística, promoção, qualidade do produto, organização dos embarques, número de países compradores e políticas macroeconômicas.

Outro fator que deve ser considerado com o cálculo do índice de orientação regional, realizado para os principais blocos econômicos: EUA, UE e APEC; é fato do índice observado para a UE ser três maior que o calculado para a APEC. Demonstrando a concentração das exportações do complexo da laranja brasileira para a União Européia.

O fato de termos um cenário otimista de exportação do complexo da laranja brasileira, em direção a APEC, para os próximos anos, essa perspectiva não invalida os resultados obtidos. Esses resultados evidenciam a fragilidade estrutural da cadeia citrícola em face do baixo índice de orientação regional observado para esse bloco. Isso traz à tona um problema estratégico, de forma que é necessário que se avance em direção a outros mercados, pois na medida em que ocorre a concentração em um único bloco, poderá em longo prazo levar à saturação e à conseqüente queda nos preços.

Em se tratando do mercado asiático, ele possui um grande potencial de compra dos nossos produtos, porém, os nossos produtores preferem concentrar esforços no mercado europeu, pois o mercado asiático possui costumes e leis muito peculiares. Dessa forma é necessário ter informações precisas sobre seus hábitos. Além do entrave cultural existem outras dificuldades de natureza burocrática, logística e governamental que dificultam as negociações entre o mercado asiático e o brasileiro. As dificuldades colocadas pelos governos asiáticos são superiores aos entraves encontrados entre o comércio Brasil e Europa.

Essa concentração da produção brasileira no mercado europeu, promove o surgimento de outro problema, a questão logística, que faz com que os principais portos de exportação para o mercado funcione de maneira precária, provocando atrasos nos

embarques, que por sua vez são fatais em se tratando da fruta, sem contar custos com aluguel de contêineres. Tudo isso ocorre pela falta de um número suficiente de embarcações para a realização do transporte. Fator que demonstra a falta de comprometimento do governo com o setor.

No que diz respeito ao aspecto da gestão da fruticultura, mas especificamente da gestão da citricultura, deve priorizar estratégias que agreguem valor ao produto, em detrimento de estratégias de aumento do volume. Exemplo disso é a preferência do consumidor por produtos produzidos de forma ambientalmente saudável, que passaram a ter maior valor de mercado e a serem reconhecidos facilmente pelos selos de qualidade.

A tendência mais presente no momento, gira em torno da participação do produtor em todo o ciclo do produto, ou seja, sua participação não estará mais restrita simplesmente ao ato de produzir e sim a uma participação mais efetiva em todo o contexto produtivo. Essa é realmente a tendência dominante no momento, e o produtor que não se adequar a esse novo paradigma, estará fatalmente em desvantagem competitiva em relação aos outros produtores.

Nesse contexto conclui-se que é necessário um comportamento mais empresarial por parte dos nossos produtores. Agregando valor ao produto, passando de produtores de commodities, para exportadores de produtos acabados, aumentando a participação da cadeia citrícola na balança comercial. Tendo como responsabilidade ao lado de outras atividades, promover a melhoria das estatísticas do país, situação essa a ser alcançada pela melhoria da pesquisa nessa área, com vistas à busca da produção com alto valor agregado.

Em relação as expectativas o cenário para o citrus é de estabilidade, estabilidade essa que pode ser alterada, pela superação dessas expectativas em função de: fatores climáticos na Flórida como os recentes furacões, que trouxeram quebras na produção; queda das barreiras nos EUA, União Européia e Japão; crescimento do consumo mundial de suco, principalmente China e países asiáticos; surgimento de terceiros mercados; lançamentos de produtos populares, substituindo os refrigerantes na parcela de menor renda.

Na perspectiva de análise do índice, de vantagem comparativa revelada, para o período de 1996 a 2005, ficou claro que apesar do aumento nas exportações do complexo da laranja brasileira, o cálculo do índice apresentou um histórico de

decréscimo, devido ao fato de outras culturas apresentarem participação mais expressiva que o complexo da laranja no contexto do total exportado.

Fazendo-se referência a Hipótese básica proposta por este trabalho, esta comprovou-se, em parte, principalmente no que diz respeito aos quesitos logística e falta de preparo da mão-de-obra para o manejo das frutas, situação que ficou evidenciada pela revisão de bibliografia, apresentada nesta monografia. Porém estas questões apesar da sua importância não configuraram-se como os entraves mais graves no contexto do comércio da cadeia citrícola.

Assim, ficou comprovado que os grandes problemas são: concentração das exportações brasileiras do complexo laranja para UE; como forma de aumentar a sua participação no total das exportações brasileiras; trabalho de marketing; falta de incentivos para a produção e para o consumo interno, como forma de dar sustentação ao setor exportador citrícola, frente a algumas crises do mercado internacional.

REFERÊNCIAS

ABECITRUS. Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos. Disponível em: <http://www.abecitrus.com.br>. Acesso em: 25 Ago. 2007.

ALICE WEB - Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior

ARAÚJO, Carlos Roberto Vieira. *História do Pensamento Econômico* - Uma abordagem introdutória. 11ª Edição. São Paulo: Atlas, 1995.

FAO - Food and Agriculture Organization

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em.: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 Out. 2007.

NEVES, Marcos Fava. *Sistema Agroindustrial Citrícola: Um exemplo de Quase integração no Agribusiness Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (F.E.A.) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NEVES, Fava Neves, et al. *Estratégias para a laranja no Brasil*. São Paulo: Atlas S.A. / PENSA, 2005.

SECEX - Secretaria de Comércio Exterior

Toda Fruta. O mercado da laranja: *EUA Mantêm Tarifas sobre o suco de laranja brasileiro*. [on line]. Jaboticabal, São Paulo: Toda Fruta, Mar. 2006 [acesso em 30 de Janeiro de 2007]. Disponível em < <http://www.todafruta.com.br>>.